

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular de Campinas**. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

209. ABOLICIONISTA ESQUECIDO

Jornalista e político maranhense (1838-1888), Joaquim Maria Serra Sobrinho (literariamente conhecido apenas por Joaquim Serra), é hoje figura praticamente esquecida. No entanto, teve grande notoriedade em seu tempo, a ponto de seu nome ter sido lembrado para patrono de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, quando de sua fundação, em 1897. E quem o escolheu foi nada menos que José do Patrocínio. Explica-se: o abolicionista homenageando seu colega de Imprensa e companheiro de luta e ideais, pois Joaquim Serra foi, antes de tudo, grande abolicionista.

Dedicou-se não apenas ao jornalismo, mas também à poesia e ao teatro. Vindo para o Rio de Janeiro, atraído igualmente a política, tendo sido deputado em mais de um legislatura. “No Parlamento não se destacou tanto como na Imprensa”, dele disse Raimundo de Menezes. Faleceu com apenas 50 anos, seis meses após a assinatura da lei de 13 de maio de 1888, pela qual tanto lutou.

O transcurso, há pouco, do centenário da Abolição, foi uma oportunidade assás propícia para tirar do esquecimento o grande maranhense. E quem o fez foi um seu neto, Joaquim de Almeida Serra, em livro publicado dois anos antes (1986) pela Editora Presença, do Rio de Janeiro. Passados cem anos da morte de Joaquim Serra, escrevia, na época, seu neto: “Muito pouco se conhece daquele que foi, sem dúvida, um dos maiores vultos de seu tempo, havendo sido, por seu patriotismo e amor à liberdade, por sua inteligência e cultura, uma das figuras mais nobres da cena brasileira na segunda metade do século passado”.

O livro em pauta não se prende aos aspectos puramente biográficos de Joaquim Serra, embora estes, obviamente, não sejam

desprezados. Preocupa-se mais com a trajetória de sua vida e, particularmente, seu relacionamento com figuras expressivas da intelectualidade brasileira de sua época, como, entre outros, José e Mário de Alencar, Raul Pompeia, Nabuco, Rebouças, Salvador de Mendonça e, principalmente, Machado de Assis, de quem um belo e expressivo texto foi estampado na contracapa do livro, para mostrar o alto conceito em que o grande romancista tinha o escritor maranhense. O autor do livro não se conforma - e com razão - com o esquecimento em que ficou seu ilustre avô E a este respeito merece destaque o capítulo com que encerra o volume: "Joaquim Serra esquecido pela historiografia". Ao longo do livro, colige escritos do próprio Serra, além de excertos de outros que sobre ele escreveram. Para encerrar, invoca o autor o conceito de Fernando Segismundo, segundo o qual Joaquim Serra "foi o criador da moderna imprensa política, figura resplendente da história da Abolição pela seriedade, constância e heroísmo de seu incomparável combate de dez anos, até a vitória final de 13 de maio". 17-1-1990.

*

210. CARLOS CORRÊA MASCARO

Com o falecimento de Carlos Corrêa Mascaro em fins de janeiro último, perdeu nossa terra um dos seus grandes valores nos domínios da Educação. Figura que se impôs pela cultura, pela capacidade e, sobretudo, pelo alto padrão moral que exornava sua personalidade. É figura também vinculada à nossa cidade, pois em Campinas viveu algum tempo como diretor da tradicional Escola Normal. Há mais de meio século remontava nosso relacionamento. Conheci-o nos primeiros anos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde fomos, não propriamente colegas, mas contemporâneos, pois nossos cursos eram diferentes. Convivemos freqüentemente em atividades extracurriculares, o que continuamos pela vida afora, mesmo quando residiu em outras cidades. Fiquei lhe devendo inúmeros obséquios. Um deles, o convite que me dirigiu, juntamente com Luís de Melo Rodrigues, para ser o orador numa das sessões magnas de aniversário da tradicional Escola Normal de Casa Branca, por onde ambos se diplomaram. Isto, há mais de trinta anos.

Integrava Carlos Corrêa Mascaro numerosa e brilhante turma de casabranquenses, com a qual, em certa época, tive muito contato, quer na Secretaria da Educação, quer na Universidade ou na Imprensa, e da qual faziam parte, entre outros, Luís de Melo Rodrigues, Luís Horta Lisboa, Horta

de Macedo, Aloísio Lopes de Oliveira, Sólon Borges dos Reis, Honório de Sylos, este não de Casa Branca, mas da vizinha São José do Rio Pardo, porém casabranquense de formação. Neste grupo, que se salientou por brilhante folha de serviços à causa do ensino em São Paulo, Mascaro era uma das figuras exemplares. Durante muitos anos integrou o corpo docente da seção de Pedagogia da antiga Faculdade de Filosofia e, depois, com o desmembramento desta e a conseqüente criação da Faculdade de Educação, passou a integrar esta nova unidade universitária, onde desenvolveu brilhante carreira, como professor e administrador. Escreveu muito. O que deixou esparsos em jornais e revistas pedagógicas daria alguns volumes de grande valor para os temas neles ventilados. Em tudo quanto fazia punha modéstia e sabedoria.

Nunca entendi porque seu nome não foi lembrado quando da fundação, em São Paulo, da Academia Paulista de Educação, na qual, afinal, acabou ingressando bem mais tarde, infelizmente sem ter tido oportunidade sequer de empossar-se, pois a morte inesperadamente o colheu poucos meses antes da data aprazada para sua posse. Bom amigo, bom colega, bom companheiro. Bom cidadão, bom professor, bom cristão. Aqui, a palavrinha de homenagem e de saudade que não me foi dado proferir quando de seu passamento. 8-2-1990.

*

211. VINÍCIO STEIN CAMPOS

Nem havia ainda me refeito da emoção causada pela morte do querido amigo e companheiro Carlos Corrêa Mascaro, quando, dois dias depois, tive notícia do falecimento de outra pessoa igualmente amiga e companheira, portadora, tal como Mascaro, de igual folha de serviços à cultura de nossa terra. Refiro-me a Vinício Stein Campos, museólogo e historiador, meu preclaro confrade no Instituto Histórico de São Paulo, na Academia Paulista de História, na Academia Paulista de Educação e, ainda como correspondente, no Instituto Histórico de Santa Catarina e na Academia Sul-Riograndense de Letras. Há pouco mais de um ano, elementos representativos da cultura paulista reuniram-se em agradável almoço comemorativo dos seus 80 anos. Deixou-nos agora, minado por enfermidade que impôs seu afastamento de todas as entidades a que costumava dar o brilho de sua presença e inteligência.

Por muitos anos teve a seu cargo o serviço de museus do Estado e, nesta qualidade, foi responsável pela criação de dezenas de museus

“histórico-pedagógicos” nas mais diversas cidades do interior paulista. Nem todos chegaram a ser convenientemente instalados, mas numerosos aí estão a atestarem a iniciativa do grande educador em seu esforço de criar, entre nós, uma consciência museológica.

Era natural de Capivari, cidade a que dedicou extremado amor. Dava gosto ver como ele gostava de sua terra. Seus amigos, em tom de brincadeira, costumavam dizer que Vinício não proferia duas palavras sem citar três vezes o nome de Capivari. Muito escreveu sobre sua cidade. Historiando-a ou evocando-a em suas memórias. Interessou-se pela história das imigrações italiana e japonesa, sempre tomando como foco a sua Capivari. E a mesma cidade que teve por berço, teve também por túmulo, pois aí foi sepultado.

Do muito que escreveu - tanto história como ficção - merece destaque a série em quatro volumes dos *Elementos de Museologia*, obra, ao que parece, única na bibliografia brasileira. Sua atividade museológica levou-o a visitar quase todo o País, proferindo conferências, ministrando cursos ou participando de congressos. Eis porque numerosas entidades culturais de outros Estados acolheram-no como sócio ou membro correspondente.

Muito vinculado a Campinas, aqui esteve inúmeras vezes, ora para conferências, ora para visitas a amigos. E ainda integrava, como honorário, o quadro social de nossa Academia Campinense de Letras. Certamente as inúmeras entidades a que pertencia renderão, oportunamente, tributo à sua memória, notadamente o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de cuja diretoria participou durante muitos anos. 14-2-1990.

*

212. DOELLINGER/JANUS

Em janeiro do correto ano transcorreu o centenário do falecimento de uma das mais discutidas figuras da Igreja no século passado: o teólogo e historiador católico Johann Joseph Ignaz von Doellinger, nascido a 28 de fevereiro de 1799. Professor de História Eclesiástica da Universidade de Munique, atacou por várias vezes a política reacionária de Pio IX, tendo sido anatematizado por negar-se a reconhecer o dogma da infalibilidade papal, definido pelo Concílio do Vaticano de 1870.

Doellinger foi a principal figura do grupo de teólogos e historiadores que, em 1869, publicou, sob o pseudônimo de “Janus”, um dos mais

significativos e discutidos livros da época: *O Papa e o Concílio*. O "Concílio", a que se refere o título, é o do Vaticano, convocado naquele mesmo ano de 1869 e que estendeu seus trabalhos até o ano seguinte.

A obra de Janus teve imensa repercussão no Brasil, pois coincidia com a época da chamada "Questão Religiosa", que movimentou nosso País. Apenas publicado na Alemanha, foi traduzido por Rui Barbosa e a tradução publicada no Rio de Janeiro em 1877. Rui não se limitou a traduzir o polêmico livro. Acrescentou-lhe um prefácio, maior que o próprio livro e, diga-se a bem da verdade, mais importante que ele. A tal ponto que o livro famoso costuma ser citado como sendo simplesmente de Rui Barbosa.

O prefácio de Rui constitui um tremendo libelo contra a Igreja, não propriamente a Igreja como religião (esta, Rui sempre a respeitou muito), a Igreja como força política e especialmente contra a sua participação na vida política de diversos países, inclusive o Brasil. A obra de Rui, como é natural, não foi bem aceita pela Igreja e pelos elementos conservadores ligados a ela. Basta dizer que, publicado em 1877, só em 1930 fez-se uma nova edição do livro (Livraria Acadêmica, de São Paulo). E mais 30 anos se passaram até que uma terceira edição surgisse (Rio de Janeiro, Elos, 1960).

A Casa de Rui Barbosa, ao planejar a publicação da *Opera Omnia* do grande brasileiro, parece não ter, de início, considerado *O Papa e o Concílio*, pois só depois de muitos anos foi publicado na importante coleção. Hoje temo-lo de novo, numa primorosa edição em dois volumes (o primeiro, o prefácio de Rui, e o segundo, o texto de Janus) publicada em 1977, precisamente um século após a edição original e quase 20 anos a edição anterior.

Qualquer que seja maneira de encarar, atualmente, *O Papa e o Concílio*, não se pode deixar de considerá-lo uma das grandes obras do século XIX, de interesse não só para a teologia, mas particularmente para a história. E a este respeito, a introdução da "Águia de Haia" enriquece sobremaneira o texto original, pelo apelo constante que o autor faz à História. 7-3-1990.

*

213. "ERIPUIT COELO FULMEN..."

Um dos pais da nação norte-americana, de cuja independência foi um dos autores, Benjamin Franklin nasceu em Boston a 17 de janeiro de 1706 e morreu em Filadélfia a 17 de abril de 1790. Transcorreu, portanto, na

semana passada, o bicentenário do falecimento de um dos maiores vultos do século XVIII e da própria história da humanidade. Começou a vida como tipógrafo, daí passando ao jornal e por ele encaminhou-se às letras e à política. Apesar de autodidata (ou talvez por isto mesmo...) adquiriu sólido conhecimento tanto literário como científico, pois ao mesmo tempo em que se dedicava às letras e à política, realizava estudos e pesquisas sobre ciências físicas e naturais. Os trabalhos que realizou em 1746-1747 levaram-no à invenção do pára-raios, o que lhe deu renome mundial, integrando os quadros das associações científicas mais importantes da Europa.

Os diversos cargos públicos que ocupou, sempre com a preocupação de defender as colônias americanas, levaram-no a uma intensa participação no movimento de que resultou a independência dos Estados Unidos, proclamada a 4 de julho de 1776. Representou a nova nação americana na França logo após a emancipação. Colaborou na fundação de diversas instituições culturais de seu país, entre elas a Universidade de Pensilvânia, que veio a se tornar uma das mais renomadas do mundo.

Assunto pouco sabido (ou pelo menos pouco lembrado) de sua personalidade é o interesse que sempre demonstrou pela música, figurando entre os compositores norte-americanos de seu tempo, com a autoria de muita música de câmara, especialmente quartetos de cordas. Seu gênio inventivo levou-o a fabricar um engenhoso instrumento musical, que denominou "harmônica de vidro", para o qual o próprio Mozart escreveu diversas obras.

O que deixou, esparso em jornais que editou ou em que colaborou, encerra excelentes páginas da literatura política norte-americana. Sua *Autobiografia*, publicada postumamente em 1817, alcançou enorme repercussão em todo o mundo, sendo traduzida para várias línguas. Em nosso País, dispomos de duas edições: uma, pela Ibrasa, na coleção "Clássicos da Democracia", e outra na preciosa série dos "Clássicos Jackson" (volume 23, intitulado *Ensaístas Americanos*).

O fato de ter inventado o pára-raios e colaborado para a independência de seu país, inspirou ao poeta Turgot o seguinte verso inscrito em um busto erigido à sua memória: "Eripuit coelo fulmen sceptrumque tyrannis", isto é: "Arrancou ao céu o raio e aos tiranos o cetro". 25-4-1990

*

214. BENJAMIN MOSSÉ/BARÃO DO RIO BRANCO

Em 1889, quase às vésperas da proclamação da República, aparecia em Paris, editada pela famosa Livraria de Firmin Didot, uma curiosa

biografia de nosso segundo imperador: *Dom Pedro II, Empereur du Brésil*. Assinava-a B. Mossé, "Officier de l'Instruction Publique". À guisa de moto, trazia o livro, na própria página de rosto, frases de Lamartine, Victor Hugo, Gladstone e Darwin louvando o imperador. Entre elas, a mais conhecida de todas, do autor de *Os Miseráveis*, chamando-o de "Neto de Marco-Aurélio" ("Sire, vous êtes le petit-fils de Marc-Aurèle!"), e que serviu até para título de um livro publicado creio que em 1927 por Leôncio do Amaral Gurgel.

Começa Benjamin Mossé, que era também rabino em Avinhão (Avignon), a histórica cidade do sul da França que, por 70 anos, no século XIV, tornou-se a sede do Papado, por afirmar ser "quase uma temeridade escrever alguém em França a biografia de um imperador na época em que vivemos". Sim, a França havia pouco menos de 20 anos deixara de ser monarquia para tornar-se república e ainda muito vivos estavam os sentimentos antimonárquicos. Mas, justifica sua atitude confessando que não via em D. Pedro II um imperador, mas, muito mais, um filósofo, um filantropo, "amigo da humanidade, benfeitor de sua pátria". Além disto, Dom Pedro II "é o mais puro modelo do verdadeiro patriotismo, do desinteresse, do amor à liberdade, da dedicação ao progresso. Sua vida e sua obra excitarão certamente a admiração de todos os que o conhecerem melhor neste livro". E com isto, acreditava-se desculpado.

E a obra se desenvolve ao longo de 16 capítulos, totalizando mais de 400 páginas, com informes variados, importantes e sempre corretos sobre o Brasil e seu imperador. Difícil admitir que alguém, como o rabino de Avinhão tivesse condições de escrever tal livro. Aqui, o lado significativo da história: na realidade, o verdadeiro autor do livro foi o Barão do Rio Branco, que achou o original de Mossé muito ruim e refez tudo de novo. A confissão é do próprio Rio Branco: "Passará aos olhos do público como escrito por B. Mossé", que é, pois, "um testa de ferro de que me servi para dizer à nossa gente o que penso, com mais liberdade". E escrevendo ao próprio Pedro II, dizia: "Desejo que Vossa Majestade seja o primeiro a ler este livrinho que escrevi quase todo, visando muito ao efeito que deve produzir, não só no estrangeiro, mas principalmente no Brasil".

De Rio Branco ou de Benjamin Mossé, a verdade é que *Dom Pedro II, Empereur du Brésil* é livro importante e que valeria a pena ser mais conhecido. Mereceu uma tradução, aliás muito boa, de Hermínia Themudo Lessa, publicada pela antiga Edições Cultura, de São Paulo, sem indicação de data, mas de 1936 ou 37. Não tendo sido reeditado é hoje bastante raro, como raríssima é a edição original francesa, que tenho o privilégio de possuir. 20-6-1990.